



ANÁLISE DAS TERRITORIALIDADES DE MULHERES IMIGRANTES NO VALE DO TAQUARI/RS-BRASIL

Bernardete Bregolin Cerutti – Graduada em Administração, pós-graduada em Gestão Estratégica de Pessoas, mestra em Ambiente e Desenvolvimento e doutora em Desenvolvimento Regional. É professora da Universidade do Vale do Taquari – Univates.

Grazielle Betina Brandt – Graduada em Relações Públicas, MBA Executivo em Marketing, mestra e doutora em Desenvolvimento Regional. Realizou pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professora da Universidade de Santa Cruz do Sul – Unisc.

Resumo: Esse estudo utilizou-se da cartografia temática para analisar a relação que as mulheres imigrantes de diferentes nacionalidades estabelecem com os espaços públicos e urbanos em municípios do Vale do Taquari/RS. A análise dos dados coletados se deu de forma qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas e está baseada nas experiências dessas mulheres em serviços utilizados e espaços frequentados. A partir das narrativas das mulheres imigrantes, observamos que os serviços públicos básicos de saúde e de educação são acessíveis. Quanto à integração nos espaços públicos, as imigrantes limitam-se ao uso de praças e/ou parques próximos das suas residências. A falta de automóvel é mencionada como fator que dificulta o deslocamento da família para conhecer e usufruir diferentes espaços na região. Nesses casos, as igrejas constituem uma rede de relações e um local de encontro muito valorizado e apreciado pelas mulheres imigrantes, que, por meio dos cultos, reforçam os laços de amizade, de solidariedade e de cooperação, além de serem instâncias de inclusão social.

Palavras-chave: Territorialidades. Mulheres imigrantes. Vale do Taquari/RS.



Introdução

Este trabalho consiste em trazer para a pauta de discussões do Desenvolvimento Regional algumas reflexões sobre as territorialidades e a imigração feminina internacional recente em municípios do Vale do Taquari, região situada no centro do Rio Grande do Sul. Devido à sua diversidade econômica, a região se destaca na oferta de empregos formais, sendo esse um dos principais indicativos de atração de imigrantes internacionais.

Com base nesta realidade, o percurso investigativo priorizou o universo das mulheres imigrantes internacionais que ingressaram na região a partir de 2010, fase essa de significativa necessidade de mão de obra, especialmente nos segmentos industrial e de prestação de serviços, e de busca de trabalhadores internacionais para suprir o quadro funcional das empresas localizadas em municípios da região.

A partir desse contexto, foram identificados os municípios do Vale do Taquari/RS com maior representatividade de mulheres imigrantes com vínculo de trabalho formal em 2018, a fim de alcançar as participantes da pesquisa para conhecer fatos, acontecimentos e territorialidades construídas e (re)construídas nos locais de origem e de acolhimento, estabelecendo conexões nacionais e transnacionais.

É possível observar que, no período entre 2010 e 2018, o Vale do Taquari/RS registrou um crescimento de trabalhadores imigrantes internacionais na ordem de 2.183,3%, ou seja, de 60 trabalhadores, em 2010, passou para 1.310, em 2018. Em relação ao estado do Rio Grande do Sul, a mão de obra migrante com vínculo de trabalho formal, em 2018, correspondia a 8,47% do total de mão de obra estrangeira (15.469), enquanto, em 2010, representava 1,7% desse contingente populacional (3.571) (BRASIL, 2019).

Em 26 municípios dos 33 que compõem o Vale do Taquari/RS, houve a presença de imigrantes em atividades laborais formais, representando 78,79% de abrangência regional. Lajeado, Encantado, Poço das Antas, Arroio do Meio, Estrela e Teutônia são os municípios com maior presença de imigrantes internacionais no mercado de trabalho formal. Nestes municípios, o número de imigrantes homens (792) empregados é 84,61% superior ao número de imigrantes mulheres (429) empregadas. Na nossa análise, estes foram os municípios selecionados para realização de entrevistas com mulheres imigrantes. A escolha, neste caso, foi de mulheres imigrantes internacionais dispostas a colaborar com o estudo, independente de condição social, cultural, econômica, intelectual e profissional, mas que ingressaram a



partir de 2010 no Vale do Taquari/RS e estiveram empregadas no mercado de trabalho formal em 2018.

Contextualização das migrações femininas contemporâneas

A migração sempre esteve ligada ao indivíduo e ao trabalho, cujas formas e concepções passam por grandes variações, de acordo com os momentos históricos. Até a metade do século XX, as pesquisas sobre migrações internacionais prescrevem a trajetória dos homens como sendo a migração padrão, ocultando a presença feminina desse processo de deslocamento, o que reflete o domínio do sexo masculino sobre o feminino (PESSAR, 1999).

No entanto, a influência dos movimentos feministas na década de 1960 e o aumento do número de mulheres imigrantes a partir da década de 1970 contribuíram para a incorporação da categoria gênero numa dimensão universal e, conseqüentemente, nos estudos de migrações internacionais. À medida que ocorre essa incorporação, a categoria gênero passa a ser repensada como construção social e não como fator biológico, abrangendo, de acordo com Mirjana Morokvasic-Muller (1984), um espaço amplo em que é possível observar diferentes manifestações e diferentes motivações das migrações femininas contemporâneas.

De acordo com a mesma autora, as mulheres não migram apenas por razões econômicas, mas também em virtude do rompimento com sociedades discriminatórias; por causa de problemas conjugais, de violência física e de opressão familiar, de casamentos infelizes e desfeitos, da falta de oportunidades e de reconhecimento.

Por conta dessas motivações, muitas mulheres são as primeiras a se inserirem no movimento migratório familiar, deixando seus territórios de origem, seus vínculos afetivos, rompendo o paradigma de coadjuvantes, de acompanhantes dos maridos ou dos filhos, de agentes passivas ou dependentes das decisões dos homens. Segundo a IOM (2020), o número estimado de migrantes internacionais em 2000 foi de 150 milhões de pessoas, enquanto a proporção estimada de mulheres entre os migrantes internacionais foi de 47,5%, o que representa 71,2 milhões de mulheres migrantes. Já em 2019, o número estimado de migrantes internacionais foi de 272 milhões de pessoas, enquanto a proporção estimada de mulheres foi de 48%, representando 130,5 milhões de mulheres migrantes, a maioria, em



idade produtiva (entre 20 e 64 anos de idade). Observa-se um acréscimo de 59,3 milhões de mulheres migrantes internacionais no mundo, em vinte anos.

Esse aumento do número de mulheres migrantes, somado aos avanços no seu processo de emancipação, à mudança do perfil e à inserção cada vez maior no mercado de trabalho, é chamado por alguns autores de “feminização das migrações”(MARINUCCI, 2013; HIRATA, 2016; CASTLES, 2005). Para Hirata (2016) e Castles (2005), a feminização das migrações internacionais é uma das consequências da globalização contemporânea, tanto para contribuir com o desenvolvimento econômico e social quanto para promover a estagnação da desigualdade social numa região. Os autores consideram também que os países em desenvolvimento atraem deslocamentos populacionais, tendo em vista as oportunidades de trabalho; contudo, tendem a reduzir quando os rendimentos dos migrantes aumentam.

Boyd e Grieco (2003) compreendem o processo migratório feminino a partir de três estágios. O primeiro refere-se à pré-migração, que inclui fatores como as relações de gênero, a hierarquia e os papéis desempenhados por mulheres e homens no país de origem. O segundo estágio diz respeito às políticas migratórias dos países de origem e de destino, atreladas à atividade de emitir vistos, permanências, residências, expulsões, entre outras tipologias, que podem apoiar ou dificultar a migração, interferindo no potencial de entrada de mulheres e homens no mercado de trabalho no país de destino. O terceiro estágio, o da pós-migração, corresponde ao impacto das mulheres no mercado de trabalho no país de destino e no *status* dos papéis na família.

O acesso mais rápido ao emprego para grande parte dessas mulheres é como empregada doméstica e como cuidadora de idosos ou de crianças. Essa é uma realidade na Ásia e na África, onde milhares de mulheres saem do Sri Lanka, das Filipinas, da Indonésia, da Tailândia, de Bangladesh, do Nepal, da Indonésia, do Quênia e da Etiópia para trabalhar em Hong Kong, na Malásia, em Singapura e no Oriente Médio (OIT, 2004).

De igual forma, em diversos países da América Latina e do Caribe, em rotas migratórias nacionais (entre países da própria região) e internacionais (entre países de fora da região), são as mulheres que ajudam nos cuidados domésticos-familiares, com o agravante de sofrerem “[...] maior nível de precariedade laboral e vulnerabilidade que as trabalhadoras locais, visto que a precariedade do trabalho doméstico se associa [...] à condição de migrantes, o que as expõe mais frequentemente a situações de discriminação [...]” (ONU

X SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL – Atores, Ativos e Instituições: O Desenvolvimento Regional em perspectiva
15, 16, 17, 23 e 24 de setembro de 2021



MULHERES, 2020, p. 3).

Nesse horizonte, entre 11 e 18 milhões de pessoas se dedicam ao trabalho doméstico-familiar remunerado na América Latina e no Caribe, das quais 93% são mulheres. Desse percentual, 17,2% das pessoas ocupadas no trabalho doméstico são imigrantes e 73,4% do total são mulheres (ONU MULHERES, 2020). Complementando estes dados, as necessidades de cuidados doméstico-familiares em diversos países são também chamadas de “serviços terceirizados de cuidados”, supridos pelas mulheres imigrantes (CEPAL/OIT, 2019).

De acordo com a CEPAL/OIT (2019), as mulheres têm maior probabilidade de ficarem desempregadas do que os homens. A análise dos indicadores de trabalho requer um enfoque particular em, pelo menos, dois dos grupos mais vulneráveis aos efeitos da desaceleração econômica: o de mulheres e o de jovens. Especialmente no caso feminino, a taxa de desemprego nos primeiros três trimestres de 2019 na América Latina e no Caribe foi de 10,2%, enquanto no mesmo período em 2018 foi de 10,0%. Este aumento na taxa de desemprego feminino contrasta com a estagnação do indicador em relação aos homens, de 7,3%, nos mesmos três trimestres de 2018 e 2019.

A esse respeito, Floya Anthias (2000) destaca que as mulheres migrantes contemporâneas encontram um mercado segmentado por gênero, na medida em que determinadas ocupações laborais continuam sendo femininas, a exemplo do já citado trabalho doméstico-familiar. Além disso, as mulheres sofrem com a categorização de estereótipos conforme padrões sociais, raciais e econômicos, como a de mulheres vítimas, referindo-se às mulheres do Sri Lanka, de mulheres submissas, referindo-se às mulheres das Filipinas, de mulheres belas, referindo-se às mulheres do leste europeu, e de mulheres sensuais e mulatas, referindo-se às mulheres brasileiras. Tais estereótipos de gênero tornam visíveis situações de discriminação que afetam as mulheres.

Portanto, a migração também pode representar uma oportunidade de afirmação e de emancipação feminina, eliminando relações hierárquicas arbitrárias, alterando papéis e práticas marcados pela condição de gênero (BOYD, 1989) e transformando estilos de vida, com importantes reflexos nos projetos de vida individuais e familiares pelos quais são responsáveis. Em alguns territórios, onde as mulheres já alcançaram expressiva emancipação e autonomia, a migração internacional é uma consequência natural e inevitável. Já em outros contextos, é justamente o desejo pela emancipação que leva a mulher a sair do seu local de

X SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL – Atores, Ativos e Instituições: O Desenvolvimento Regional em perspectiva
15, 16, 17, 23 e 24 de setembro de 2021



origem.

A cartografia temática como possibilidade de compreensão das territorialidades

A cartografia como método de pesquisa destina-se à elaboração de mapas, cartas, plantas, entre outras formas de expressão ou de representação de objetos e de ambientes físicos e socioeconômicos, numa tentativa de o homem conhecer o território que habita (IBGE, 2020b). Refere-se, portanto, a um modo de mapear a realidade no campo, de acompanhar processos de produção, de possibilitar o acompanhamento de movimentos e intensidades dos sujeitos que integram a produção de territórios. A elaboração de mapas também pode permitir a visualização da territorialidade espacial de uma população específica, neste caso, de mulheres imigrantes em municípios do Vale do Taquari/RS.

Em outras palavras, o procedimento de cartografar possibilita informações de controle e de poder do território, bem como ilustra a fração de espaço que é controlada, ou que se pretende controlar. Conforme asseguram Fonseca e Kirst (2003), a cartografia cria relações de diferença entre “territórios” para dar conta de “espaços”, investigando os elementos provenientes do território, como “[...] matérias fluidas, forças tendenciais, linhas em movimento – bem como fragmentos dispersos nos circuitos folheados da memória” (KASTRUP, 2007, p. 21), pois a cartografia investiga um processo de produção e não a representação de um objetivo previamente estabelecido.

Assim, fica claro que a representação em cartografia demonstra a intencionalidade de quem a concebe, constituída não só pelo sujeito, mas também pela interação que ele estabelece, definindo elementos a serem demonstrados e dando a noção de estabilidade ao controle territorial, bem como, denominando as frações de espaço como utilizadas para determinadas funções. Santos (2019, p. 44) explica que “[...] a cartografia é o espaço representado, ou seja, é uma imagem do espaço, deste território visto/vivido”. Uma cartografia pode ser, então, um instrumento para legitimar ou refutar estas ações, ou, ainda, este território, sendo a sua produção e posse um importante referencial de reivindicação territorial dentro de estratégias individuais e coletivas.

Com base nesse argumento, apontamos a importância de registrar, por meio da cartografia, as relações e os espaços frequentados pelas mulheres imigrantes, a fim de identificar como produzem suas compreensões e constituem espacialmente suas



territorialidades, o que também favorece a revisão de concepções hegemônicas e dicotômicas.

Relatos das mulheres imigrantes no Vale do Taquari: das narrativas à cartografia

O Vale do Taquari/RS vem tendo influência da dinâmica relacionada a novos modelos de urbanização (com centros comerciais, condomínios de sobrados, condomínios fechados) e criação de novas centralidades em áreas periféricas de alguns municípios. Para identificar essas novas centralidades na perspectiva de mulheres imigrantes perguntou-se às participantes deste estudo se gostam de seus locais de residência; quais os espaços públicos utilizados nos locais de residência; e quais os espaços públicos preferidos nos municípios de residência.

De modo geral, as entrevistadas deixam transparecer a satisfação de residirem nos locais atuais, assim como a segregação espacial existente que tende a diferenciar cada vez mais as classes sociais em diferentes espaços urbanos nos municípios do Vale do Taquari/RS. Isso fica evidente nas narrativas de Sophia, Darline e Widelene.

“Com as nossas economias deu pra comprar essa casa, nesse bairro. A casa é velha, precisa de muitas reformas. Vamos fazer as melhorias aos poucos” (Sophia).

“Conseguimos alugar um apartamento, mas é bem pequeno, no (bairro) São Cristóvão” (Darline).

“Procuramos bastante casas, em vários lugares aqui (em) Arroio do Meio, até alugar essa, a mais barata. Aluguéis muito caros aqui” (Widelene).

A segregação espacial gera vários problemas às cidades, especialmente a desigualdade entre as classes sociais que possuem menos recursos financeiros para aquisição ou locação de imóveis (CARLOS, 2007). Nessa situação encontram-se as três imigrantes e, certamente, outros migrantes provindos de diferentes países, geralmente em busca de melhores condições de vida, não restando outra alternativa senão moradias populares, em áreas periféricas e com preços mais acessíveis.

Buscando conhecer as áreas onde as mulheres imigrantes residem se observou



características que as diferem. As áreas centrais onde Ismenya e Lovelie habitam apresentam maior densidade demográfica, com regular fluxo de carros e de pedestres; a área periférica que Nana reside apresenta menor densidade demográfica e maior espaços livres e verdes, associando à tranquilidade e proximidade com a natureza, ao silêncio e ao pouco movimento de carros; as áreas periféricas que Shara e Sophia residem apresentam moderado fluxo de carros e regular fluxo de pedestres; e as áreas periféricas que Widelene e Darline residem apresentam regular fluxo de carros e de pedestres.

Nas áreas periféricas e em uma das áreas centrais, as opções de horário de transporte coletivo são limitadas e nem sempre atendem adequadamente, embora isso não chega a ser um problema, afirmam as mulheres imigrantes, pois deslocam-se de bicicleta, a pé e, eventualmente, de carona com colegas de trabalho ou conhecidos do local. Contudo, as razões por optar por essas formas de deslocamento é a incompatibilidade de horários do transporte coletivo e, sobretudo, o custo desse transporte coletivo. Essa constatação converge para o que Carlos (2007) afirma: o acesso restrito as formas de mobilidade restringem as formas de apropriação da cidade, limitando seu uso.

De acordo com a mesma autora, o sistema capitalista cria de forma particular a organização das cidades (CARLOS, 2007). Há grupos sociais excluídos do acesso ao transporte coletivo que atende suas necessidades, excluídos do acesso ao lazer, a cultura, a educação, a saúde, a moradia e tantas outras dimensões que são vivenciadas cotidianamente pela população. A estrutura das cidades tem obedecido prioritariamente questões econômicas e não sociais, produzindo desigualdades de renda. E na falta de renda, as pessoas acabam aceitando a condição exercida pela cidade como alternativa de vida (MONDARDO, 2009).

Nesse contexto, cabe a seguinte análise: considerando a remuneração média mensal líquida de R\$ 1.583,00 das mulheres imigrantes entrevistadas em 2020 e o desconto de 6,0% sobre o salário, se aderirem ao benefício do vale-transporte, o custo-benefício torna-se inviável¹, conforme declara Nana: *economizo transporte, com esse valor pago outra conta*. Fica claro que o orçamento financeiro familiar segue um planejamento e um controle de

¹ A Lei nº 7.418, de 16 de dezembro de 1985 instituiu o vale-transporte no Brasil e a Lei nº 7.619 de 30 de setembro de 1987 alterou alguns dos seus dispositivos. Quando o trabalhador solicita ao empregador a necessidade do uso de vale-transporte, o trabalhador terá o custo de 6,0% do valor da sua remuneração, independentemente do número de vales-transportes necessários para seu deslocamento.



receitas (entradas) e despesas (saídas) para que as contas fixas e prioritárias sejam atendidas e os sonhos contemplados. Nana prossegue dizendo: *“Vamos para o trabalho de bicicleta. É econômico [...], mas quando chove, quando é frio, é difícil”*.

Observa-se que a renda do indivíduo determina o uso (ou não) do transporte coletivo urbano para a circulação. “Quanto maior a renda, mais acessível a cidade se torna, e vice-versa” (BERGAMASCHI, 2014, p. 42). Diante disso, faz sentido a descrição de acessibilidade que Mondardo (2009, p. 66) compartilha como sendo “[...] a mobilidade para a realização das necessidades [...]”. Ou seja, a acessibilidade urbana se refere à possibilidade e condição de alcance para utilização de espaços, transportes, serviços, além de atributos físicos, que são melhorias criadas de modo a proporcionar avanços sociais (praticidade, conforto) para uso coletivo, valorizando o espaço público, portanto, valorizando a cidade e a população.

A mesma prática é percebida em Widelene: *“Vou no trabalho de bicicleta ou a pé, aqui é seguro. Sempre tem gente indo ou voltando. E é perto”*. Na área periférica em que Widelene reside em Arroio do Meio/RS há uma das unidades de uma grande cooperativa da região, empregadora de dezenas de trabalhadores, inclusive ela, e várias outras empresas prestadoras de serviços de menor porte que também empregam. Isso, por si só, já ocasiona fluxo regular de pedestres (trabalhadores) que circularem diariamente e passam a se relacionar, gerando sentimento de segurança e “familiaridade” uns aos outros, independente do turno: *“De noite tem mais homens, e é tranquilo também”*, conclui Widelene.

Nesse cenário, Darline tem a experiência de alguns horários estendidos e relata: *“Quando preciso trabalhar até mais tarde da noite, meu marido vem me buscar de bicicleta. Nos dias muito chuvosos e frios, uso Uber²”*. Por meio das narrativas nota-se que a segurança é um elemento que permeia fortemente a maneira como as mulheres imigrantes percebem e se relacionam com os espaços. No caso de Darline, a “noite” causa sensação de insegurança e medo por diferentes motivos, sinalizando que, conforme o local e o horário, o pleno acesso dos espaços públicos para as mulheres são limitados, contribuindo para relações de dependência e vulnerabilidade, destituindo sua autonomia.

² Uber Technologies Inc. é uma empresa multinacional americana, prestadora de serviços eletrônicos na área do transporte privado urbano, através de um aplicativo que permite a busca por motoristas baseada na localização, oferecendo serviço semelhante ao tradicional táxi. A Uber chegou ao Brasil em 2014, com atuação no Rio de Janeiro, seguida de São Paulo e Belo Horizonte. Atualmente, centenas de cidades brasileiras contam com os serviços da empresa, realizados por motoristas parceiros.



A vulnerabilidade do indivíduo se define sempre em relação a algum tipo de ameaça (situações de risco ou constrangimentos) e o acesso a rede social, constituída pelo marido, pela carona com colegas de trabalho ou pelos conhecidos do local onde residem mostra-se, mais uma vez, relevante na medida em que ajuda a minimizar a insegurança das imigrantes. Mas como enfatiza Bilac (2006), a insegurança não pode ser ignorada ou transferida para outrem; ela é matéria-prima para se entender a vulnerabilidade vivida na sociedade. Reconhecer que a insegurança envolve fenômenos de natureza multidimensional e relacional (econômico e social) é fundamental para combater a vulnerabilidade.

Outro ponto importante é mencionado por Widelene, ao comentar sobre a predominância masculina no turno da noite. Identifica-se a complexidade de elementos associados ao trabalho formal noturno, em que o gênero tem forte influência quando se analisa aspectos da vida familiar, especialmente para as mulheres, em função do papel tradicionalmente atribuído a elas quanto aos cuidados com a família e a casa.

Estudos sobre a rotina familiar entre trabalhadoras indicam um esforço das mulheres para adaptar os horários dos filhos em casa e na escola, a organização das refeições aos turnos dos filhos e do marido, a distribuição temporal e adiamento de serviços domésticos que possam gerar ruídos e atrapalhar seu sono diurno (KNAUTH; COSTA, 1996), a frequência à rede de sociabilidade (relação com amigos, atividades religiosas e de lazer), entre outras atividades. Os mesmos estudos também indicam a colaboração dos familiares nessa rotina, sinalizando a aceitação do trabalho noturno. Resguardada as devidas características individuais relacionadas à saúde e ao bem-estar, e as condições laborais e de segurança pública, Knauth; Costa (1996) ressaltam que quando há apoio do meio familiar e social torna-se mais fácil obter sucesso em turnos de trabalho diversos.

Esse apoio, somado ao desejo de trabalhar, é percebido na fala de Lovelie: “*Gosto de trabalhar! Preciso trabalhar, não importa horário!*” Observa-se que os benefícios financeiros do trabalho são importantes como estratégia de sobrevivência humana, e a desigualdade de acesso às condições de emprego e renda levam a uma situação de vulnerabilidade, que corresponde a uma condição de fragilidade material e/ou social do indivíduo, sobretudo dessas mulheres imigrantes.

Diante disso, faz-se necessário identificar o perfil dos imigrantes no Brasil. Segundo Almeida (2015, p. 183), os imigrantes praticamente não possuem vínculos empregatícios no país ou quando possuem são “[...] vínculos frágeis, sem uma profissão definida, semi-



qualificada”, além de nenhum ou precário conhecimento da língua portuguesa e pouca inserção social para ampliar sua rede de relações. Esses elementos podem intensificar a dificuldade de inserção no mercado de trabalho ou oportunizar vagas para atividades essencialmente de nível operacional. Em parte, é o que se observa no perfil dos imigrantes do Vale do Taquari/RS.

Resgatando o valor médio mensal que as mulheres imigrantes entrevistadas recebem atualmente e comparando com a média recebida há dois anos, observa-se que a política salarial das empresas do Vale do Taquari/RS para cargos operacionais praticamente não alterou. De R\$1.567,50 mensal em 2018 passou para R\$1.583,00 mensal em 2020, equivale à faixa de 1,5 salário mínimo mensal. O rendimento médio real efetivamente recebido de todos os trabalhos das pessoas ocupadas no Rio Grande do Sul em novembro de 2020 foi de R\$ 2.413,00 e no Brasil, no mesmo período, foi de R\$ 2.205,00 (IBGE, 2020a). Ao relacionar os valores, nota-se que a remuneração paga no Vale do Taquari/RS é bastante inferior à média do estado e do país.

Em relação ao segundo questionamento, sobre os espaços públicos utilizados nos locais onde residem, as mulheres imigrantes são unânimes em destacar a igreja, a praça (ou o parque) e o supermercado, demarcados na Figura 3. A unanimidade sinaliza que estas mulheres ocupam os espaços disponíveis na periferia e que as mudanças de centralidade alteram a forma de se relacionar de uma população. As igrejas, por exemplo, nas novas centralidades, representam espaços de forte identidade cultural, que expressam memórias, valores e crenças observados na demonstração de religiosidade especialmente entre as mulheres haitianas entrevistadas. Suas presenças nos extensos cultos em domingos de manhã (das 8h às 12h) são uma prática assídua na periferia, e incorporam uma dimensão simbólica e afetiva, de trocas espirituais e de vida (SANTOS, 2002).

Com as determinações de medidas de isolamento social para contingenciamento do novo coronavírus, os encontros na igreja passaram a ser quinzenais e, em determinados momentos, foram suspensos. Contudo, mesmo em meio a esse período pandêmico, Widelene e Nana persistem na fé. Substituíram os cultos presenciais por cultos disponíveis gratuitamente em determinados canais de televisão, e orientam as conterrâneas a assistirem, afinal a religiosidade está associada a indicadores de bem-estar psicológico, com pensamentos e comportamentos positivos (SANTOS, 2002).

Widelene tornou-se uma líder comunitária, se capacitou por meio da Igreja Pentecostal



Assembleia de Deus, e fala às mulheres haitianas na igreja do bairro que reside, em Arroio do Meio/RS. A vida social e comunitária das famílias das imigrantes entrevistadas é direcionada aos cultos e eventos na igreja evangélica. É assim que as famílias socializam, solidificam as relações sociais e geram territorialidades no território.

Outro espaço mencionado pelas mulheres imigrantes como preferido em suas áreas residenciais foi a praça (ou o parque), revelando a importância desse espaço público, com equipamentos de brinquedos e bancos, e vegetação e arborização. Mais uma vez aparece a valorização da tranquilidade, da segurança e da qualidade ambiental para o lazer da família.

O espaço “supermercado” é compreendido pelas mulheres imigrantes como público, e não se desconstruiu essa ideia propositalmente, tentando compreender o que ele representa. Resgatando suas trajetórias de vida, quatro das sete entrevistadas vivenciaram um passado sofrido, de luta pela sobrevivência em meio a poucos recursos. De acordo com elas, nem sempre havia comida para todos os integrantes da família, muito menos para fazer mais de uma refeição diária. A possibilidade de ir ao supermercado e poder comprar, mesmo de maneira comedida, é avaliada pelas mulheres imigrantes como uma conquista, e motivo de felicidade.

Além disso, o ambiente do supermercado é bonito, organizado, iluminado e colorido por meio da vasta variedade de itens (alimentos, bebidas, produtos de higiene e beleza, utensílios, entre outros), os quais afirmam apreciar. Ao comparar as experiências, Lovelie aponta: *“Não existe nada disso no Haiti. Lá vende comida na rua. O terremoto destruiu o que faltava”*.

O sentimento de ir ao supermercado também é relatado por Sophia: *“Me realizo no supermercado. Adoro comprar potes coloridos, enfeitar a cozinha. Preciso até me controlar porque as vezes a gente compra sem precisar”*. O relato de Sophia permite compreender o quanto a geração de emprego e de renda oportunizam à mulher mudança no espaço público e, na medida em que conquista emancipação econômica, provoca mudança no próprio comportamento, ampliando seu horizonte e sua perspectiva. A melhoria se concretiza também na esfera da subjetividade, por meio da elevação da autoestima, da percepção de capacidade, independência, liberdade e realização pessoal.

Nos critérios para o consumo no supermercado, constatou-se a estreita relação existente entre os itens (produtos) e as condições socioeconômicas. A compra é realizada pelas mulheres imigrantes pela sua capacidade de análise criteriosa do valor monetário e do



benefício de cada produto, afirmam. Esses critérios definem, em vários momentos, a seleção dos produtos, conforme relato de Lovelie: *“Vejo os tipos dos produtos em promoção. Análise se vale a pena, então, se gosto compro; ou não compro”*. Observa-se um posicionamento relacional, em que a decisão de compra está ligada ao aspecto material (custo) e simbólico do produto, na medida em que “os tipos dos produtos” são considerados, ou seja, o que aquele produto representa, além da dimensão econômica. Neste caso, as representações simbólicas podem ser compreendidas como qualidade, preferência, praticidade, confiança, status, entre outras.

O tempo com a família/amigos/colegas é tempo para a reprodução social, para o viver e conviver, para as oportunidades de diálogo, socialização, trocas e territorialidades. Por isso, o tempo social não pode ser subordinado ao tempo econômico, nem vice-versa. Os “dois relógios” devem funcionar sincronicamente (CHIESI, 1989). Nessa compreensão, as relações e interações entre as pessoas em convergência com os lugares (ambiente) resultam num conviver por meio de redes. Sasaki e Assis (2000) definem a rede como uma teia, caracterizada pelo conjunto de laços sociais que ligam as comunidades de origem e de destino. Esses laços unem migrantes e não migrantes, que se territorializam no viver e conviver, por meio de relacionamentos interpessoais e expectativas mútuas.

Quanto à terceira pergunta, de quais os espaços públicos preferidos nos municípios que residem, as narrativas das mulheres imigrantes entrevistadas deixam claro que são limitados, por opção, por falta de recursos e pela situação da pandemia do novo coronavírus. Nana reconhece que quase não frequenta lugares, só vai a eventos promovidos pela igreja: *“Prefiro ficar em casa. Mas quando tem evento da igreja, vamos. E vamos na praça com a (Meyya), para brincar”*. Widelene reitera sua preferência e também destaca as festas. *“O lugar que eu gosto é a Igreja, ver minhas amigas lá; e as festas da Igreja. Mas agora tem Covid, não dá”*.

Constata-se nas narrativas de Nana e Widelene a ligação com o espaço da igreja, o qual proporciona muito mais do que encontro e celebração religiosa entre as imigrantes. A igreja proporciona integração, sociabilidade e cria laços de identidade e solidariedade entre as participantes. E as festas são momentos de confraternização, integração, união, encontro entre os imigrantes que convivem no território, reproduzindo e mantendo territorialidades por meio de relações sociais e de valores internalizados na cultura de origem e de destino, numa dinâmica que transcende o econômico, porque possui dimensão simbólica, afetiva.

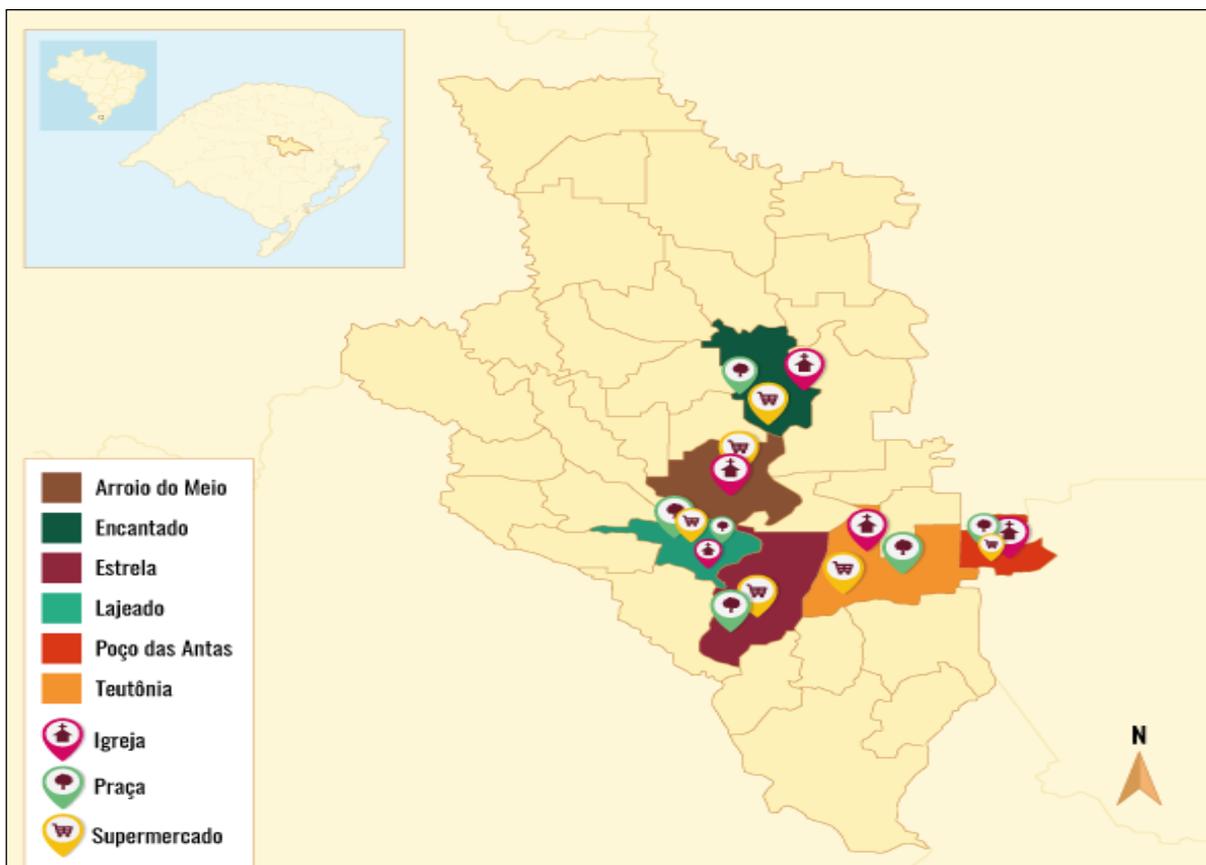
X SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL – Atores, Ativos e Instituições: O Desenvolvimento Regional em perspectiva
15, 16, 17, 23 e 24 de setembro de 2021



Darline diz que gosta de sair e frequenta o Jardim Botânico, o Parque dos Dick e os espaços de natureza próximos à Univates: “*Gostamos muito de natureza, é o nosso programa aos domingos de tarde*”. Ela também lembra de bons momentos de encontros com os familiares dos colegas de trabalho do marido, interrompidos desde meados de março de 2020 em função da pandemia da Covid-19.

Shara relata que um carro facilitaria o deslocamento da família para conhecer lugares na região, e “*por não ter ficamos mais em casa. Temos uma área verde ao lado do nosso apartamento, vamos mais lá*”. Já Lovelie gosta de passear pelo centro e na praça próxima de casa. A necessidade de distanciamento social tem contribuído para a decisão de permanecer em casa, além da falta de transporte e de recursos financeiros. Como já mencionado, a figura a seguir apresenta a reprodução social das mulheres imigrantes entrevistadas, a partir dos espaços que mais circulam e vivem.

Figura 1 – Espaços ocupados pelas mulheres imigrantes participantes da pesquisa



Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul, COREDE Vale do Taquari (2010), adaptado com base nos dados da pesquisa (2021).



Cada uma das mulheres imigrantes entrevistadas apresenta preferências quanto à igreja, o supermercado e/ou a praça (ou o parque) que frequentam, os quais foram sinalizados na Figura 1, por meio de ícones. Para certificar a existência desses serviços e espaços nas áreas periféricas (AP) e áreas centrais (AC) dos municípios onde residem, procurou-se levantar informações junto às respectivas Prefeituras Municipais. Os resultados são apresentados no Quadro 1, com a identificação do município e do tipo de área residencial, a quantidade de igrejas, de praças (ou de parques) e de supermercados disponíveis.

Quadro 1 – Levantamento de serviços e espaços nas áreas residenciais das entrevistadas

Município/Área	Igreja	Praça/Parque	Supermercado
Arroio do Meio/AP	2 evangélicas 1 católica	1 praça	1 grande porte 1 médio porte
Encantado/AP	1 evangélica	2 parques	2 pequeno porte
Estrela/AP	1 católica 1 evangélica	1 praça	2 pequeno porte
Lajeado/AP	1 evangélica	1 praça	2 grande porte 1 médio porte
Lajeado/AP	2 católicas 2 evangélicas	2 praças	3 grande porte 1 médio porte
Poço das Antas/AC	2 evangélicas 1 católica	1 praça	1 grande porte 1 pequeno porte
Teutônia/AC	1 evangélica 1 católica	1 praça	1 grande porte 3 pequeno porte

Fonte: Prefeituras Municipais, 2020. Elaborado pela autora, com base nos dados fornecidos.
Nota: AP = Área periférica; AC = Área central.

Como se verifica por meio do levantamento, as áreas em que as mulheres imigrantes entrevistadas residem dispõem dos serviços e espaços que apreciam, justificando suas narrativas de atendimento às principais necessidades. Também demonstra as novas centralidades nas áreas periféricas, em que as próprias formas de interação entre os moradores (de proximidade ou afastamento, de dominação ou subordinação, de conflito ou convergência) definem configurações de sociabilidade e constroem espaços sociais específicos (SIMMEL, 1973).



Considerando a quantidade de espaços públicos acessados pelas mulheres imigrantes entrevistadas, convém ponderar que demonstra ser pequena. A falta ou pouco uso desses espaços nos municípios limita o estabelecimento de relações sociais e de interação com o município e seus habitantes, tornando mais difícil o desenvolvimento de laços de amizades com o local de destino, já que é pouco vivenciado.

Mais uma vez, a falta de recursos financeiros, seja para aquisição de veículo próprio ou de outros meios de locomoção, para fins de lazer, somado as permanentes recomendações de cuidados para reduzir a disseminação da Covid-19, com frequentes fechamentos de espaços públicos não essenciais, estiveram presentes em vários momentos nas narrativas das mulheres imigrantes entrevistadas, e podem estar influenciando o pouco acesso e integração a eles.

Acredita-se que o espaço urbano só é possível nas ações e reações de seus integrantes em suas múltiplas interações, e a territorialidade se encontra entrelaçada por várias redes sociais. Como afirma Hannerz (1980, p. 220), “a vida social gera redes” e a cidade enquanto espaço urbano deve ser compreendida como “uma rede de redes”, intensificando o acesso e a interação das pessoas através da rede urbana e o desenvolvimento socioeconômico.

Considerações finais

Os fluxos migratórios internacionais são antigos, mas ganham relevância na sociedade atual na tentativa de compreender os diversos motivos que levam as pessoas a cruzar fronteiras e estabelecer-se em outro território, distinto de suas nações, por tempo determinado ou indeterminado. Foi com esse interesse que esta tese buscou conhecer as territorialidades da imigração feminina internacional recente em municípios do Vale do Taquari/RS.

Observa-se que as imigrantes desenvolvem novas territorialidades que não são medidas apenas pelo valor material, mas, sobretudo, pelo valor imaterial. Os novos locais de moradia são locais cheios de significados, de vida, esperança e abrigo para muitos outros planos e metas a médio e longo prazo.

Sabe-se que o crescimento e a transformação urbana dos municípios do Vale do Taquari/RS, com a apropriação da terra e usos do espaço pela especulação imobiliária, tornam muitos imóveis e terrenos inacessíveis, por isso destaca-se a relevância das políticas



públicas de acesso à moradia para que a população imigrante possa ter sua casa própria e que diferentes nacionalidades possam compor cada vez mais a pluralidade dessa região, contribuindo para a sua formação social, política e econômica recentes.

Em síntese, ainda que não se possa generalizar, este estudo reforça a abordagem relacional, de que as trajetórias migratórias são fluxos caracterizados pela inter-relação entre a estrutura econômica e social. E as territorialidades, materiais e imateriais, acontecem numa dinâmica de reciprocidade e contínuo movimento nos territórios de origem, percurso e acolhimento, constituindo a multiplicidade de valores, culturas, estilos de vida e experiências de cada imigrante, por meio de relações de gênero construídas no cotidiano.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Diáspora: viver entre-territórios e entre-culturas. *In*: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

ANTHIAS, Floya. Metaphors of home: gendering new migrations in Southern Europe. *In*: ANTHIAS, Floya; LAZARIDIS, Gabriela. **Gender and migration in Southern Europe**. Oxford, New York: Berg, 2000. p. 17-47.

BERGAMASCHI, Eliza. **Urbanização, reestruturação urbana e mudanças na organização espacial da cidade de Lajeado na região do Vale do Taquari-RS**. 2014. 241 f. Dissertação (Mestrado e Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2014.

BILAC, Elisabete Dória. **Gênero, vulnerabilidade das famílias e capital social: algumas reflexões**. [s.l.], 2006. Disponível em: http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/vulnerabilidade/arquivos/arquivos/vulnerab_cap_2_pgs_51-65.pdf. Acesso em: 06 mar. 2021.

BOYD, Monica. Family and personal networks in internacional migration: recent devepments and new agendas. **Internacional Migration Review**, [s.l.], v. 23, n. 3, p. 639-669, 1989.

BOYD, Monica; GRIECO, Elizabeth. **Women and Migration: Incorporating Gender into International Migration Theory**. [s.l.], 2003. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/women-and-migration-incorporating-gender-international-migration-theory>. Acesso em: 05 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Economia. **Relação Anual de Informações Sociais**. 2019. Disponível em: <https://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php>. Acesso em: 01 mai. 2019.

CASTLES, Stephen. **Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios**. Lisboa: Fim de Século, 2005.

X SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL – Atores, Ativos e Instituições: O Desenvolvimento Regional em perspectiva
15, 16, 17, 23 e 24 de setembro de 2021



CEPAL/OIT. **Coyuntura Laboral en América Latina y el Caribe**. Evolución y perspectivas de la participación laboral femenina en América Latina. [s.l.], 2019. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---sro-santiago/documents/publication/wcms_725432.pdf. Acesso em: 07 mar. 2021.

CARLOS, Ana Fani. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Labur, 2007.

CHIESI, A. **Sincronismi Sociali**. Bologna: Il Mulino, 1989.

HANNERZ, Ulf. **Explorer la ville**. Paris: Lês Éditions de Minuit, 1980.

HIRATA, Helena. Trabalho, gênero e dinâmicas internacionais. **Revista da ABET**, [s.l.], v. 15, n. 1. jan./jun. 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/31256-Texto%20do%20artigo-69857-1-10-20161102%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/31256-Texto%20do%20artigo-69857-1-10-20161102%20(1).pdf). Acesso em: 04 mar. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **O IBGE apoiando o combate à Covid-19**. 2020a. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/>. Acesso em: 11 jan. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Conceitos gerais de cartografia**. 2020b. Disponível em: <https://atlascolar.ibge.gov.br/conceitos-gerais/o-que-e-cartografia>. Acesso em: 04 fev. 2020.

INTERNACIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION - IOM. **World Migration Report 2020**. 2020. Disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020.pdf. Acesso em: 06 mar. 2021.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia e Sociedade**, [s.l.], v. 19, n. 1, p. 15-22, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n1/a03v19n1.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2020.

KNAUTH, P.; COSTA, G. Psychosocial effects. *In*: COLQUHOUN, W. P. *et al.* (eds.). **Shiftwork**: problems and solutions. Frankfurt: Peter Lang, 1996. p. 89-112.

MARINUCCI, Roberto. **Feminização das migrações**. Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (CSEM). Brasília, 2013.

MONDARDO, Marcos Leandro. Meandros da produção do espaço urbano: mobilidade, acessibilidade e exclusão social. **Boletim goiano de geografia**, Goiás, v. 9, n. 1, 2009.

MOROKVASIC-MULLER, Mirjana. Birds of passage are also women. **International Migration Review**, [s.l.], v. 18, n. 4, p. 886-907, 1984.

ONU MULHERES. **Trabalhadoras remuneradas do lar na América Latina e no Caribe frente à crise do COVID-19**. 2020. Disponível em: https://oig.cepal.org/sites/default/files/pt-trabajadoras_del_hogar_portugues-.pdf. Acesso em: 05 mar. 2021.

X SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL – Atores, Ativos e Instituições: O Desenvolvimento Regional em perspectiva
15, 16, 17, 23 e 24 de setembro de 2021



ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL TRABAJO - OIT. **En busca de un compromiso equitativo para los trabajadores migrantes en la economía globalizada.** 2004. Disponível em: <https://www.ilo.org/public/spanish/standards/relm/ilc/ilc92/pdf/rep-vi.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2021.

PESSAR, Patrícia R. The role of gender, households and social networks in the migration process: a review and appraisal. *In*: DEWIND, J.; HIRSCHAMN, C.; KASINITZ, P. (orgs.). **Becoming American/America Becoming.** New York: Russell Sage Foundation, 1999.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção.** São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, Rai Nunes dos. **Territórios discursivos:** discursos sobre a Vila Duque e suas aplicações para o entendimento do território. 2019. 152 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SASAKI, Elisa M.; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teoria das Migrações Internacionais. *In*: XII ENCONTRO NACIONAL DA ABEP 2000, GT de Migração, Sessão 3 – A migração internacional no final do século. **Anais** [...]. Caxambu, out. 2000. Disponível em: https://www.pucsp.br/projetocenarios/downloads/CDH/Teoria_das_Migracoes_Internacionais.pdf. Acesso em: 31 ago. 2018.

SIMMEL, Geog. A metrópole e a vida mental. *In*: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.